



16º

COLÓQUIO  
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE

DE 09/09 A 13/10 DE 2021

## UM TRAJE DE CARNAVAL: UM ESTUDO DAS VESTES DO REI MOMO DE LONDRINA

*A carnival costume: a study of the clothes of King Momo from Londrina*

Antunes, Daniele Caroline, Mestranda; Universidade Estadual de Londrina,  
daniele.caroline.antunes@gmail.com<sup>1</sup>

**Resumo:** Esta pesquisa tem como objetivo refletir a roupa como fonte de estudo, documento e memória, a partir da história do antigo Rei Momo da cidade, Júlio Cesar Henriques Augusto e de suas vestes, usadas nas comemorações carnavalescas da cidade, que ocorreram no final da década de 1990, e assim, propor uma historicização dessas peças, associando-as com os seus contextos e usos na época.

**Palavras chave:** Rei Momo; Indumentária; Londrina.

**Abstract:** This research aims to reflect on the clothing as a source of study, document and memory, from the history of the ancient King Momo of the city, Júlio Cesar Henriques Augusto and his vestments, used in the carnival celebrations of the city, which took place in the late 1990s, in order to bring a historicization of these pieces, associating them with their contexts and uses at the time.


**Keywords:** King Momo; Costume; Londrina.

### Introdução

A indumentária como elemento pertencente à cultura que incorpora os valores do imaginário social e as normas da realidade vivida, aliando-se a uma rematerialização dos princípios do conhecimento, torna-se uma fonte possível para compreender melhor as

---

<sup>1</sup> Mestranda do programa de Pós-graduação em História Social pela Universidade Estadual de Londrina, especialista em Moda: produto e comunicação e em Antropologia e bacharela em Design de Moda pela mesma universidade. E-mail: daniele.caroline.antunes@gmail.com





16º

COLÓQUIO  
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE

DE 09/09 A 13/10 DE 2021

relações sociais, como por exemplo, na mediação dos objetos com os indivíduos (ROCHE, 2000).

Estes objetos são “evidenciados como denotadores de determinada prática cultural de um período histórico específico e essencial que corresponde as necessidades reais e indispensáveis, sem a qual a vida não se faz ou se faz com dificuldade” (ROCHE, 2000, p. 11). Assim, a vestimenta é um “fato social de comunicação, que traduz também a evolução da cultura, da sensibilidade, das técnicas, da inteligência dos produtores e da tolerância dos consumidores” (ROCHE, 2000, p. 13).

Por isso, a importância da roupa ser vista dentro de um conjunto de ligações, do sistema social, pois, ela segue as transformações, valorizando as topografias e os costumes, distinguindo as situações ordinárias e extraordinárias, a festa e o cotidiano, permitindo ver a influência da circulação e das trocas (ROCHE, 2000).

Assim, é considerada uma fonte de identificação e diferenciação, como por exemplo, as cores, sujeitas a possíveis interpretações dentro do teatro social, designando por exemplo, posição, função e situação (ROCHE, 2007), como também, as texturas, cheiros, rasgos e manchas (ANDRADE, 2012), pois “o traje constitui-se no modo pessoal de como um usuário adota a indumentária que é proposta por seu grupo, pode ter significação morfológica, psicológica ou circunstancial” (BARTHES, 2005, p. 2070), perceptíveis em seus “cortes, cores, texturas, complementos, exotismo”, que “transportam categorias sociais, ideais estéticos, manifestações psicológicas, relações de gêneros e de poder” (CRANE, 2006, p. 22).

A roupa possui uma longevidade capaz de transcender tempos e espaços (DELEUZE, 2001 apud ANDRADE, 2012) a partir da sua preservação, seja ela, da representação material do objeto em si, como por exemplo, na incorporação de um acervo museal, (MENESES, 1998 apud ANDRADE, 2012), como também na sua preservação imagética, por fotografias, notícias e reportagens.

### **O que é um Rei Momo: origens, significados e representações**





16º

COLÓQUIO  
DE MODA


EDIÇÃO ONLINE  
DE 09/09 A 13/10 DE 2021

A sua origem se deu ainda no tempo da Antiguidade Clássica, mais especificamente na mitologia grega, a partir das histórias de uma deusa que personificava o sarcasmo, a reclamação e o delírio, considerada patrona dos poetas e escritores, sempre representada usando uma máscara e balançando guizos. Assim, os gregos a incorporaram com a figura de Momo e também a algumas comemorações, como às festas de Dionísio, o deus do vinho e da farra (SILVEIRA, 2018).

Segundo o Dicionário de Português (2020), “Rei” significa aquele que rege ou governa um Estado monárquico, e “Momo” é sinônimo de comediante e zombaria, onde na Idade Média (em Portugal e Espanha do século XVI), era o nome dado a uma encenação curta onde portavam o uso de máscaras. Sendo adaptado e incorporado ao imaginário das festas de carnaval, caracterizado como um homem divertido, extravagante e gordo, para simbolizar fartura e a abundância (SILVEIRA, 2018).

O Rei Momo é então, associado e representado como uma pessoa que gosta de carnaval, animado, simpático, brincalhão, divertido e bem-humorado, pois é ele quem vai animar e comandar as festas. Seu representante, quando escolhido, se fantasia de Rei ao lado da Rainha. Uma criação necessária para dar real característica ao reinado carnavalesco, que tinham ou tem como objetivo, manter a alegria e fazer com que seus súditos, os foliões, brinquem com sabedoria e respeito. Eles abrem oficialmente o carnaval e ficam simbolicamente responsáveis pela ordem e alegria dos festejos (SILVEIRA, 2018).

Segundo Felerico (2004), o personagem de Rei Momo no carnaval brasileiro apareceu pela primeira vez no início da década de 1930, desde então tem se mantendo como tradição no país e se espalhando para as diversas cidades, tornando-se uma figura tradicional na festividade. Hoje, existem concursos para a escolha do representante em várias cidades do Brasil, onde o mais animado entres os candidatos é eleito pela comissão carnavalesca da cidade, em alguns locais, ainda existem tradições, como a entrega a chave da cidade pelo prefeito. Desta forma, simbolicamente, o Rei Momo governa a cidade nos quatro dias de folia.





16º

COLÓQUIO  
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE

DE 09/09 A 13/10 DE 2021


O primeiro registro do Rei Momo no Brasil data de 1910, quando o palhaço Benjamin Oliveira representou o monarca numa atuação no Circo Spineli. No início da década de 1930, alguns redatores do periódico carioca “A Noite” criaram um boneco de papelão representando o personagem assim como conhecemos. E em 1933, os mesmos jornalistas decidiram que o rei deveria se tornar de carne e osso, e elegeram o cronista Francisco Moraes Cardoso pra tal incumbência. Ele desfilou durante anos e seu reinado durou até 1948 (SILVEIRA, 2018).

Os primeiros concursos, foram organizados por entidades carnavalescas e jornalistas, que começaram por volta dos anos 50 (SILVEIRA, 2018), desde então, a sua figura passou por modificações, já que a representação do personagem ganhava uma estética particular a partir da visão e influência de diferentes culturas e povos, porém, também semelhantes, já que a ideia central de um “momo” parte sempre de um mesmo princípio figural (SILVEIRA e NEVES, 2018).

Durante o período do carnaval, alguns clubes sociais realizam bailes, onde os salões são decorados, os foliões se fantasiam individualmente ou em grupos (os chamados blocos), marcado pela presença do Rei Momo e da Rainha, o ambiente é animado por uma banda que tocam marchinhas de carnaval e ritmos dos atuais trios elétricos. Estes bailes eram mais presentes na década de 70 e 80 do século XX, principalmente nas cidades do interior, porém a comemoração ainda faz do carnaval brasileiro uma atração turística de primeira grandeza (SILVEIRA, 2018).

### **As vestes do Rei Momo**

Os instrumentos e objetos em sua maioria são de confecção artesanal, fazem parte da sua estética tradicional a coroa, um ornamento circular, usado para cingir a cabeça, como enfeite ou sinal de distinção, definida como *majestica*, denota importância, realeza, nobreza, considera quem o usa, uma pessoa soberana, e o cetro, este, um bastão curto encimado por um ornato que os soberanos ou monarcas usam na mão direita em certas cerimônias, como símbolo de autoridade real, simbolizando as insígnias da realeza,





16º

COLÓQUIO  
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE

DE 09/09 A 13/10 DE 2021

o poder ou a dignidade real (TESAURO, 2021 e DICIO, 2020). E, o conjunto de vestes, esse podendo ser uma peça superior e inferior, enfeitadas de acordo com as temáticas estabelecidas, carregadas de brilhos, cores vibrantes e contrastante, além de diversos acessórios e adereços enriquecendo a sua estética (FLÜGEL, 1966 apud FERREIRA, 1999).

Assim, a coroa, o cetro e o traje, possuem etapas de criação e desenvolvimento, gerando diferentes conceitos e estéticas, que tem como objetivo de contar uma história ou enfatizar um enredo e chamar a atenção (ALMEIDA E OLIVEIRA, 2019).


As principais finalidades da roupa são: enfeite, pudor e proteção. Destas, a principal é a função do enfeite, visto que a roupa não é essencial para proteção mesmo num clima úmido e frio e é fácil notar-se que o conceito de cobrir-se por pudor é um algo imposto socialmente (FLÜGEL, 1966 apud FERREIRA, 1999, p. 94).

### **O carnaval em Londrina**

Segundo a Presença Negra em Londrina Atrito Art – 2004, o carnaval em Londrina também acompanhou as grandes cidades, e iniciou-se nos bailes dos clubes sociais, nos anos 50, quando a AROL (Associação de Recreação Operaria de Londrina) fundada por Manoel Cypriano, organiza a primeira escola de samba: Unidos da Vila Nova, o primeiro concurso com desfiles de carros, tornando-se um grande evento popular, nesta década, destacando-se também o bloco Gente da vila, criado por Marinósio Filho (apud DORIA e MENDONÇA, 2006, p. 32).

Com o passar dos anos, a festa se popularizava cada dia mais e assim, aumentavam-se os blocos festivos, como o Skindô-shinkô e Bafo do Jiboia, criados por Celso Inocente de 1960 a 1975, e as famosas marchinhas de carnaval, como: “você pensa que cachaça é água”. Nesta época o primeiro a se render aos festejos de Rei Momo foi Carlos Bivar (DORIA e MENDONÇA, 2006).

Os desfiles ocorriam na Rua Sergipe, depois foram para a Rua Maringá e por fim, para o Autódromo Ayrton Senna, nessa época, as escolas se modernizaram e tiveram grande participação popular (DORIA e MENDONÇA, 2006).





16º

COLÓQUIO  
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE

DE 09/09 A 13/10 DE 2021


## Rei Momo de Londrina

Em Londrina, alguns nomes dos representantes dos Reis Momos encontrados foram: Edmilson Montenegro, Armando Brancalhão, Alberto Perrone, Jorge Balalai, Geraldo Júlio, Ricardo Queirolo (o palhaço Picolino), José Pedro Linhares, Ricardo Prochet e Júlio Cesar (SEGLIN, 2000).

A partir do acesso às fichas e reportagens de pesquisas presentes no Museu Histórico de Londrina, descobriu-se alguns personagens de Momos e trajes que existem apenas em registros jornalísticos de difícil acesso, com modelos diferentes dos encontrados no acervo e que foram considerados de grande importância do cenário carnavalesco da cidade, como o primeiro Rei Momo negro, Júlio Cesar Henriques Augusto. Abrindo assim, a possibilidade de mostrar e compartilhar uma parte inacessível das histórias dos trajes carnavalescos da cidade e também dos Momos, especificamente para este trabalho, de Júlio Cesar.

Segundo Elorza (1999), em uma publicação no Jornal Folha de Londrina, Júlio, era conhecido como “Julius Augustus I Primeiro e Único”, um jovem atleta que propagava um estilo de vida saudável. Júlio recebeu o convite para ser Rei Momo durante um grito de carnaval em um clube da cidade por Aníbal Vieira da Cruz, da CODEL, o coordenador do carnaval da época, e como tradição, recebeu a chave da cidade, pelo então prefeito, Antônio Belinati. Em seu primeiro ano, aos 22 anos, com 1,85 metros e 114 quilos, já bicampeão brasileiro em arremesso de peso (1992 e 1993), em uma entrevista ao Jornal de Londrina de 1997, disse sobre ser o Momo da festividade: “Neste carnaval, não quero saber de outra coisa senão de festa e folia. Nada de crise, só alegria” (NASCIMENTO, 1997).

Passava à imprensa e ao público mensagens de saúde e harmonia, como por exemplo, uma alimentação saudável, com base em fruta e vegetais, sem álcool ou cigarro, evidenciando os treinamentos físicos, já que a sua rotina durante as festividades se iniciava às 23h e percorriam até às 5:30h da manhã do dia seguinte, e a partir das 11:30h,



16º

COLÓQUIO  
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE

DE 09/09 A 13/10 DE 2021

seguia com a agenda matinê do carnaval, (ELORZA, 1999), que durante quatro dias percorria clubes e desfiles na Avenida Leste-Oeste (SEGLIN, 2000).

Sobre as vestes que usava, Júlio relatou que lhe causavam muito incomodo, pois, pinicava e era muito quente (ELORZA, 1999). Aos 25 anos, Julio Cesar, após alguns reinados consecutivos, se despedia da coroa após fazer história nos carnavais londrinenses (ELORZA, 1999).

Figura 1: Júlio Cesar em seu primeiro ano como Rei Momo de Londrina



Fonte: Jornal de Londrina, 1997.

Na fotografia acima, nota-se Júlio portando um cetro, possivelmente dourado, usando uma coroa da mesma cor, esta, apresenta a parte superior aberta, formando semicírculos, e enfeites na parte externa do objeto. Sobre o traje, observa-se um conjunto de veste superior com mangas compridas, largas, com o comprimento aproximadamente entre os joelhos e o quadril, na cor roxa, nas extremidades da peça, como no pulso e na barra, babados em um tecido volumoso branco, com os acabamentos também em roxo, na frente em toda a sua extensão, apresenta enfeites de guarnições e franjas na cor branca,

com o intuito de destacar-se à cor do tecido. Já a peça inferior, um calção, na cor branca, com babados e acabamentos em roxo, e por último, meias compridas brancas.

Figura 2: Michele Faria, Rainha do carnaval de Londrina, e Julius Augustus I, o Rei Momo, em 2000 aos 25 anos



Fonte: Jornal de Londrina, 2000.

A foto acima, marca o carnaval dos anos 2000, seu último como Rei Momo, não é possível identificar a cor da peça, por ser uma imagem PB<sup>2</sup>, porém Júlio usa uma coroa semelhante ao modelo presente no acervo do MHL<sup>3</sup>, uma coroa fechada com enfeites na parte superior e em todo o seu exterior, veste uma peça com guarnições e franjas de cores opostas ao tecido do traje, em toda a extensão frontal, afim de evidenciar os contrastes, perceptível pela imagem, muito semelhante ao modelo da figura 1.

Figura 3: Júlio Cesar como Rei Momo

<sup>2</sup> Preto e branco

<sup>3</sup> Museu Histórico de Londrina



16º

COLÓQUIO  
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE

DE 09/09 A 13/10 DE 2021



Fonte: Jornal de Londrina, 2000.

Na última imagem encontrada de Júlio, ele veste uma coroa similar a anterior, um cetro, e um conjunto, onde na parte superior apresenta um tecido prateado, com babados na parte inferior e nas mangas, um calção possivelmente rosa ou coral, também com babados na parte inferior da peça, e pra finalizar, os sapatos. Diferente dos modelos anteriores, a parte frontal da peça é lisa, não apresenta detalhes e nem franjas.

Diante das imagens, foi possível perceber as semelhanças entre as vestes, principalmente a formal, o conjunto com duas partes, um calção e uma camisa, ambas com babados em suas extremidades, diferenciadas pelas cores e detalhes ornamentais, porém, todas buscam se destacar, seja por uma cor mais forte e intensa, por franjas ou brilhos, marcando um estilo específico de Júlio e das suas vestes de Momo. Isso fica mais em evidência quando as relaciona com as vestes encontradas no Museu Histórico da cidade, onde apresentam outros dois acervos, destinados a dois representantes Momos diferentes, e ambos os casos, apresentam características semelhantes entre a mesma coleção, porém se diferenciando em relação aos outros, promovendo um estilo característico de cada Momo representado.



16º

COLÓQUIO  
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE

DE 09/09 A 13/10 DE 2021


A coroa e o cetro, mostram-se objetos importantes de grande simbologia, ao afirmar a posição de “rei” e se destacar dos demais, já que em todas as imagens encontradas, estes dois elementos estão presentes.

### **Considerações Finais**

A importância do estudo da fonte em questão, se dá a partir da necessidade dos objetos, principalmente relacionadas as vestimentas, apresentarem determinadas carências de informações e até mesmo a falta de conhecimento como parte da história da cidade, afim de promover discussões e reconhecimentos, trazendo como implicações práticas, reflexões e saberes, com conteúdo para acesso informativo, bem como, uma fonte auxiliadora para pesquisas futuras e divulgação de informações para o público, pesquisadores, alunos e professores, contribuindo para o conhecimento histórico e a historicização das roupas da cidade.


Vale ressaltar também, a importância de ir além do objeto em si, pois, como se sabe, não se consegue preservar todos os trajes, assim, fotografias e reportagens que estão repletas de representações estéticas, carregadas de histórias, simbolismo e referências, que auxiliadas às pesquisas, tornam-se parte para construção das histórias das vestimentas.

Uma limitação encontrada foi a dificuldade para se obter algumas informações técnicas e dados do Rei Momo e da sua veste, que não constam em fichas, informações ou documentação, porém, pode-se considerar que, Júlio Cesar foi um dos Reis Momos de maior destaque dos carnavais da cidade, pois, além de ser atleta e defender hábitos saudáveis, ele dá os primeiros passos contra as barreiras raciais, por ser o primeiro negro a vestir a coroa, se não, o único. Em respeito as suas roupas, elas representam o seu legado, são partes da história e representações passadas, de uma pessoa que a customizou, vestiu, criou memórias e hoje, fonte de estudo.



Essa é uma pequena parte do estudo realizado sobre as vestes carnavalescas, em andamento, estão os estudos de vestes físicas acervadas no Museu Histórico de Londrina, bem como seus históricos e documentações.

## Referências

- ALMEIDA, Cláudio; OLIVEIRA, Madson. O processo criativo na construção de uma fantasia carnavalesca: em busca de uma metodologia. **Modapalavra e-periódico**, v. 13, n. 28, p. 48-73, 2020.
- ANDRADE, Rita. Roupas e tecidos–notas sobre moda e cultura material. **Anais do Seminário Nacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual. Goiânia, GO**, v. 14, 2012.
- CRANE, Diana. **A moda e seu papel social: classe, gênero e identidade das roupas**. Tradução: Cristiana Coimbra. São Paulo: SENAC, 2006.
- DELEUZE, Gilles. **Empirismo e subjetividade: ensaio sobre a natureza humana segundo Hume**. Tradução: Luiz L. B. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2001.
- DICIO. CETRO. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2020. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/cetro/> Acesso em: 06/08/2021.
- DICIO. COROA. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2020. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/coroa/> Acesso em: 06/08/2021.
- DICIO. REI MOMO. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2020. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/rei-momo/> Acesso em: 06/08/2021.
- DORIA, Milton; MENDONÇA, Maurício Arruda. **Manifestações Culturais Populares de Londrina**. Londrina: Idealiza, 2006.
- DRUMOND, Marco Aurélio. **Indumentária e cultura material: produção, comércio e usos na Comarca do Rio das Velhas: 1711-1750**. 2008. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado em História)–Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais: Belo Horizonte.
- ELORZA, Telma. Rei Momo só bebe água. **Folha de Londrina**. Londrina. 12 fev. 1999. Disponível em: <https://www.folhadelondrina.com.br/folha-2/rei-momo-so-bebe-agua-124582.html>. Acesso em: 22 jun. 2021.
- FERREIRA, Felipe. **O marquês e o jegue: estudo das fantasias para escolas de samba**. Rio de Janeiro: Altos da Glória, 1999.
- 



16º

COLÓQUIO  
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE

DE 09/09 A 13/10 DE 2021

GARRINI, Selma Peleias Felerico. **Memória e representação da figura do Rei Momo na mídia impressa (1930-1945)**. 2004. Disponível em: <[https://www.ufrgs.br/infotec/teses-03-04/resumo\\_2513.html](https://www.ufrgs.br/infotec/teses-03-04/resumo_2513.html)>. Acesso em: 26 jul. 2021

GIES, Sheila. Design de Moda Brasileiro: uma abordagem da cultura material. **Arcos Design**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 113-127, dezembro de 2013. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/arcosdesign/article/download/.../9545>. Acesso em: 28 out. 2017

LIPOVETSKY, Gilles. **O império do efêmero**. A moda e seu destino nas sociedades modernas. Tradução: Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra. A cultura material no estudo das sociedades antigas. **Revista de História**, n. 115, p. 103-117, 1983. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/61796/64659>. Acesso em: 28 out. 2017

NASCIMENTO, Carla. Júlio César é o primeiro Rei Momo negro da cidade. **Folha de Londrina**. Londrina, p. 8-8. 06 fev. 1997.

RIZZO, Doriane. Dança folclórica. **Caderno Pedagógico de Dança**, Londrina, v. 2. 38 p, 2010. Produção Didático-Pedagógica. Disponível em: [http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernos/pdebusca/producoes\\_pde/2009\\_uel\\_educacao\\_fisica\\_md\\_doriane\\_rizzo.pdf](http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernos/pdebusca/producoes_pde/2009_uel_educacao_fisica_md_doriane_rizzo.pdf). Acesso em: 1 ago. 2021.

ROCHE, Daniel. **A Cultura das Aparências: uma história da indumentária (séculos XVII – XIX)**. São Paulo: Editora SENAC. São Paulo, 2007.

ROCHE, Daniel. **História das Coisas Banais: nascimento do consumo no séc. XVII-XIX**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000

SCHNEID, Frantieska Huszar; SCHOLL, Raphael Castanheira. A biografia cultural de uma camisa: a memória trajada de Antoninha Berchon Sampaio. **dObra [s]–revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda**, v. 12, n. 26, p. 202-226, 2019.

SEGLIN, Jackeline. A hora e a vez dos soberanos: rei momo e rainha do carnaval recebem hoje a chave da cidade e passam a comandar a folia em londrina. **Folha de Londrina**. Londrina, mar. 2000. Carnaval.

SILVEIRA, Taísa; NEVES, Augusto. **Você conhece a origem do Rei Momo?: rechonchudo e brincalhão, o personagem reina pleno durante o carnaval desde a antiguidade**. Rechonchudo e brincalhão, o personagem reina pleno durante o Carnaval desde a Antiguidade. 2018. Disponível em: <https://www.uninabuco.edu.br/noticias/voce-conhece-origem-do-rei-momo>. Acesso em: 15 jul. 2021.

STALLYBRASS, Peter. **O Casaco de Marx: roupas, memória, dor**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte. Ed.: Autêntica, 1999.





16º

COLÓQUIO  
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE  
DE 09/09 A 13/10 DE 2021

STEELE, Valerie. A museum of fashion is more than a clothes-bag. **Fashion Theory: The journal of dress, body & culture**, New York: Berg, v. 2, n. 4, p. 327-335, 1998.

TESAURO. CETRO. In: **Tesouro de objetos do Patrimônio Cultural nos Museus Brasileiros**. Disponível em: <http://www.tesauromuseus.com.br/cetro/> Acesso em: 06/08/2021.

TESAURO. COROA. In: **Tesouro de objetos do Patrimônio Cultural nos Museus Brasileiros**. Disponível em: <http://www.tesauromuseus.com.br/coroa/> Acesso em: 06/08/2021.

